

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA EDUARDA FERREIRA MARTINS DA COSTA



Pseudotradução em *O Vilarejo*, de Raphael Montes

Uberlândia/MG

2024

MARIA EDUARDA FERREIRA MARTINS DA COSTA

Pseudotradução em *O Vilarejo*, de Raphael Montes

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Arbex

Uberlândia/MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C837
2024 Costa, Maria Eduarda Ferreira Martins da, 2003-
Pseudotradução em O Vilarejo de Raphael Montes
[recurso eletrônico] / Maria Eduarda Ferreira Martins da
Costa. - 2024.

Orientadora: Paula Godoi Arbex.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
Tradução.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Arbex, Paula Godoi, 1984-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Tradução. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Curso de Graduação em Tradução
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4237 - www.ileel.ufu.br - cotrad@ileel.ufu.br e cotradsec01@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Tradução				
Defesa de:	GTR031 - Monografia				
Data:	21/11/2024	Hora de início:	19:00	Hora de encerramento:	20:15
Matrícula do Discente:	12111TRD209				
Nome do Discente:	Maria Eduarda Ferreira Martins da Costa				
Título do Trabalho:	A pseudotradução em <i>O Vilarejo</i> , de Raphael Montes				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				

Reuniu-se, em sessão pública, de forma remota e por meio da plataforma Google Meet *link* de acesso: <https://meet.google.com/izv-xpba-xei> a Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Tradução, assim composta: Prof.^a Dr.^a Paula Godoi Arbex (Orientadora) - ILEEL/UFU; Prof.^a Dr.^a Cynthia Beatrice Costa - ILEEL/UFU; Prof. Dr. Stéfano Paschoal - ILEEL/UFU.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, a Prof.^a Dr.^a Paula Godoi Arbex, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

Em seguida, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

(X) Aprovada Nota [100]

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Godoi Arbex, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/11/2024, às 20:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stefano Paschoal, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/11/2024, às 20:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Beatrice Costa, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/11/2024, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5890120** e o código CRC **759C85CA**.

Referência: Processo nº 23117.079448/2024-20

SEI nº 5890120

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu namorado, Ruan Neres, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e acreditando em mim, mesmo nos momentos em que pensei em desistir. Sua força e incentivo foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também aos meus pais, por todo o suporte e carinho que me proporcionaram ao longo dessa jornada, permitindo que eu trilhasse meu caminho com confiança e dedicação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Paula Arbex, que me acolheu no meio do meu percurso e transformou completamente este trabalho, meu mais sincero reconhecimento e gratidão. Sua orientação e visão foram cruciais para o desenvolvimento desta monografia. Também agradeço ao Prof. Dr. Daniel Padilha Costa, que me orientou e auxiliou nos primeiros passos desta pesquisa, oferecendo suporte fundamental para o direcionamento inicial do trabalho.

Por fim, expresso minha profunda admiração e gratidão ao escritor Raphael Montes, cujo talento excepcional me inspira continuamente. Suas obras, de uma inventividade ímpar, não apenas despertam meu fascínio, como também me instigam a explorar novas perspectivas literárias. A maneira como suas histórias me intrigam e entretêm, de forma tão singular, reacendeu em mim a paixão pela leitura e pela escrita, fazendo-me desejar compartilhar sua obra com todos aqueles que apreciam a literatura. Sua influência foi um dos alicerces fundamentais para a concretização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho analisa o uso da pseudotradução na obra *O Vilarejo*, de Raphael Montes, destacando como esse recurso literário amplia as camadas de mistério e questionamento sobre autoria e veracidade na narrativa. A pseudotradução, técnica que apresenta uma obra original como se fosse uma tradução de um texto estrangeiro, é explorada por Montes ao se posicionar como "tradutor" dos contos de uma suposta autora chamada Elfrida Pimminstoffer. Inspirado em *Se um Viajante numa Noite de Inverno* de Ítalo Calvino, Montes utiliza elementos fictícios, como o idioma cimério e o personagem Uzzi-Tuzzi, para criar uma atmosfera enigmática e reforçar o efeito de autenticidade da obra. A análise do conto "Leviathan: as irmãs Vália, Velma e Vonda" evidencia a personagem Vonda como a autora dos manuscritos fictícios, revelando temas de rivalidade e moralidade. Ao final, este estudo conclui que a pseudotradução em *O Vilarejo* não apenas desafia as noções de autoria e tradução, mas também enriquece a experiência do leitor, estimulando uma reflexão sobre os limites entre o real e o fictício.

Palavras-chave: Pseudotradução; Raphael Montes; autoria; tradução; narrativa

ABSTRACT

This paper analyzes the use of pseudotranslation in Raphael Montes' work *O Vilarejo*, highlighting how this literary device enhances the layers of mystery and questioning of authorship and authenticity in the narrative. Pseudotranslation, a technique that presents an original work as though it were a translation of a foreign text, is explored by Montes as he positions himself as the "translator" of stories from a supposed author named Elfrida Pimminstoffer. Inspired by *If on a Winter's Night a Traveler* by Italo Calvino, Montes uses fictional elements, such as the Cimmerian language and the character Uzzi-Tuzzi, to create an enigmatic atmosphere and reinforce the sense of authenticity in the work. The analysis of the short story "Leviathan: the sisters Vália, Velma, and Vonda" reveals the character Vonda as the true author of the fictional manuscripts, uncovering themes of rivalry and morality. In conclusion, this study asserts that the pseudotranslation in *O Vilarejo* not only challenges notions of authorship and translation but also enriches the reader's experience, prompting a reflection on the boundaries between the real and the fictional.

Keywords: Pseudotranslation; Raphael Montes; authorship; translation; narrative

LISTA DE IMAGENS

Raphael Montes.....	12
Detalhe da capa de <i>O Vilarejo</i>	19
Prefácio de <i>O Vilarejo</i> (reprodução).....	21
Ilustrações de <i>O Vilarejo</i>	24
Elfrida, de <i>O Vilarejo</i>	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Sobre Raphael Montes.....	8
CAPÍTULO 1 – Pseudotradução.....	13
1.1 Pseudotraduções: álibi e ferramenta.....	16
1.2 Outros exemplos de pseudotraduções.....	17
1.3 Pseudotradução e Estudos da Tradução: contribuições.....	18
CAPÍTULO 2 – O <i>Vilarejo</i> e seu contexto.....	19
CAPÍTULO 3 – Pseudotradução em <i>O Vilarejo</i>	26
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

A tradução literária, por sua própria natureza, carrega consigo a complexa tarefa de transpor não apenas palavras, mas também culturas e contextos. Quando um texto é traduzido, ele deve ser adaptado à nova língua de forma que preserve o sentido, a intenção e o estilo do original. Isso envolve um delicado equilíbrio entre fidelidade ao conteúdo e adaptação às normas linguísticas e culturais do público-alvo. No entanto, existe um fenômeno literário intrigante que subverte essa lógica tradicional de tradução: a pseudotradução. Diferentemente da tradução convencional, a pseudotradução apresenta uma obra original como se fosse uma tradução, criando uma camada adicional de mistério e engajamento crítico para o leitor.

Ao introduzir essa artimanha, o autor que utiliza a pseudotradução assume o papel de "tradutor", mesmo que o texto seja completamente de sua autoria. Com isso, ele desafia as expectativas e percepções do leitor, que passa a se perguntar sobre a origem real da obra. Esse fenômeno literário levanta discussões profundas sobre autoria, autenticidade e a própria essência do processo tradutório. A pseudotradução, ao fim, não se trata apenas de um jogo literário, mas de uma poderosa ferramenta para questionar as convenções narrativas, estéticas e até mesmo éticas, ao confundir as fronteiras entre o real e o fictício.

A pseudotradução tem sido utilizada por diversos autores como um meio de explorar e expandir os limites da criação literária. Um exemplo notável é o livro *O Vilarejo*, do escritor brasileiro Raphael Montes. Nessa obra, Montes se apresenta não como o autor dos contos que a compõem, mas como o tradutor de textos de uma suposta escritora estrangeira que viveu em um vilarejo fictício. Essa técnica confere à narrativa uma camada extra de ambiguidade e mistério, enriquecendo o enredo e, ao mesmo tempo, criando uma atmosfera de incerteza que permeia toda a obra. O leitor é, desde o início, levado a questionar o que é real e o que é imaginário, sendo convidado a interpretar as histórias através de uma lente de desconfiança e curiosidade.

Por meio desta monografia, pretende-se investigar como Raphael Montes utiliza a pseudotradução em *O Vilarejo* e de que maneira esse recurso impacta a construção de sua narrativa. A análise busca compreender como a escolha de apresentar-se como tradutor, em vez de autor, amplia o efeito de mistério e

ambiguidade no livro, características centrais na obra de Montes. Além disso, será discutido o papel da pseudotradução nos estudos literários contemporâneos, com foco em como essa técnica contribui para repensar as noções de autoria e tradução. Finalmente, será explorado o impacto teórico da pseudotradução no campo da tradução literária, considerando as implicações éticas e estéticas desse recurso, e como ele desafia as concepções tradicionais de originalidade e interpretação textual.

Sobre Raphael Montes

Raphael Montes, um escritor e roteirista de suspense policial, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1990, graduou-se em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seu interesse pela literatura, especificamente, literatura de suspense, começou na infância, quando ganhou de sua avó o clássico livro *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle. Após o fim da leitura, Raphael não se contentou apenas em continuar a consumir literatura do gênero, mas também se interessou por se envolver em sua produção. Montes relata ter iniciado a redação de contos breves por volta dos 13 anos, os quais destinava a seus colegas de classe, o que lhe garantiu popularidade no colégio, uma vez que estes frequentemente solicitavam pelos desdobramentos narrativos. Ademais, durante a adolescência, Montes se dedicava à escrita de *fanfictions* baseadas nos personagens criados por Agatha Christie, outra grande escritora do gênero de suspense, participando de uma comunidade de admiradores da autora na extinta rede social Orkut.

Raphael Montes estreou no mundo literário em 2009, quando publicou seu primeiro conto, "A Professora", na antologia *Assassinos S/A: contos policiais brasileiros*, publicada pela Editora Multifoco, sob a curadoria de Frodo Oliveira e Jana Lauxen. No mesmo ano, ele também participou da antologia *Beco do Crime*, organizada por Frodo Oliveira e André Esteves. Essas participações marcaram o início de sua trajetória como escritor, destacando seu talento para narrativas policiais e de suspense.

Em 2012, Raphael Montes lançou seu primeiro romance, *Suicidas*, que foi finalista do Prêmio Benvirá do mesmo ano. Embora não tenha vencido a competição, o editor Thales Guaracy, impressionado com a obra, decidiu publicá-la. *Suicidas* foi muito bem recebido pela crítica e tornou-se finalista dos prêmios São

Paulo de Literatura e Biblioteca Nacional, sendo este último na categoria Machado de Assis. A obra, um *thriller* psicológico que mistura elementos de mistério e drama, foi adaptada para o teatro em 2015. Montes revelou que escreveu *Suicidas* entre os 16 e 19 anos, no período entre o fim do ensino médio e o início na faculdade.

O sucesso de seu primeiro romance chamou a atenção da editora Companhia das Letras, que, após a indicação do autor ao Prêmio São Paulo de Literatura, entrou em contato com ele para discutir a publicação de um novo romance. Foi assim que, em 2014, Raphael Montes lançou *Dias Perfeitos*, um suspense psicológico perturbador sobre um jovem estudante de Medicina que sequestra uma mulher na tentativa de fazê-la se apaixonar por ele. A obra foi traduzida e publicada em mais de 14 países, incluindo Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália, e teve os direitos adquiridos para adaptação cinematográfica. O sucesso da obra permitiu que o autor abandonasse sua antiga dedicação a concursos públicos e se concentrasse exclusivamente na literatura e no cinema.

Em 2015, Raphael Montes lançou *O Vilarejo*, uma obra que representa um marco em sua carreira devido à sua originalidade e complexidade narrativa. O livro é uma coleção de sete contos, cada um simbolizando um dos sete pecados capitais — luxúria, gula, avareza, preguiça, ira, inveja e soberba —, e todas as histórias se passam em um mesmo vilarejo remoto e misterioso. A estrutura do livro permite que as histórias, embora independentes, estejam interligadas de maneira sutil, criando uma teia narrativa que revela mais sobre os personagens e sobre o próprio vilarejo a cada novo conto. Em 2022, durante a Bienal do Livro de São Paulo, *O Vilarejo* se destacou novamente, quase uma década após seu lançamento, ao figurar entre os dez livros mais vendidos da Editora Suma, reforçando o impacto duradouro da obra no cenário literário brasileiro. Além de seu sucesso comercial, o livro também recebeu elogios da crítica por sua habilidade em misturar elementos de horror e fantasia com uma análise densa da condição humana. O fato de Montes ter conseguido transformar uma coletânea de contos em uma narrativa tão coesa e perturbadora é uma prova de sua habilidade narrativa e de seu domínio sobre o gênero do suspense.

Em 2016, Montes lançou, sob o pseudônimo Andrea Killmore, o livro *Bom Dia, Verônica*, em parceria com a criminologista Ilana Casoy. O uso do pseudônimo foi uma escolha deliberada para que o autor experimentasse a sensação de ser lançado novamente no mercado editorial sem o peso de seu nome. O sucesso do

livro foi imediato, e em 2020 a obra foi adaptada para uma série na plataforma de streaming Netflix, que obteve grande repercussão e garantiu a produção de uma segunda e terceira temporadas. *Bom Dia, Verônica* permaneceu entre as produções mais vistas na plataforma em diversos países.

Raphael Montes também se dedicou a outras atividades literárias e audiovisuais. Em 2018, lançou um curso online de escrita criativa, “Escreva seu romance”, voltado para ajudar escritores iniciantes a desenvolverem suas habilidades. Em 2019, publicou *Uma Mulher no Escuro*, um thriller psicológico que rapidamente alcançou o topo das listas de mais vendidos e lhe rendeu o Prêmio Jabuti na categoria Romance de Entretenimento. O livro foi amplamente resenhado, consolidando sua posição como um dos principais autores de suspense do Brasil.

Além de sua atuação como escritor, Montes também trabalhou como roteirista de cinema e TV. Entre 2020 e 2023, foi coautor dos roteiros dos filmes *A Menina que Matou os Pais* (2021), *O Menino que Matou Meus Pais* (2021) e *A Menina Que Matou os Pais: A Confissão* (2023), que narram a história do caso Richthofen, e estrearam na plataforma Amazon Prime Video. Essa obra também foi uma colaboração entre Raphael e Ilana Casoy, tendo sido os longas baseados no livro de Casoy, *Casos de Família: 01. Arquivos Richtofen; 02. Arquivos Nardoni*.

Em 2023, inspirado por Pedro Bandeira, Raphael lançou seu primeiro livro destinado ao público infanto-juvenil, *A Mágica Mortal*, um thriller de investigação envolvendo um mágico assassino, que se destacou entre os livros mais vendidos da Bienal do Rio de Janeiro em 2023. Em 2024, ele lançou seu nono e mais recente romance, *Uma Família Feliz*, que aborda temas como depressão pós-parto e julgamentos sociais. O livro também foi adaptado para o cinema, com Grazi Massafera e Reynaldo Gianecchini nos papéis principais. *Uma Família Feliz* foi bem recebido pela crítica e tornou-se um dos livros mais lidos do ano e também o mais vendido da editora Companhia da Letras em 2024.

Raphael Montes continua a se destacar no cenário literário e audiovisual brasileiro, sendo um dos autores mais prolíficos e influentes de sua geração. Seu talento para criar narrativas envolventes e perturbadoras, aliadas a uma profundidade psicológica marcante, garante sua posição de destaque tanto no Brasil quanto no exterior.

Mesmo antes do início de minha graduação em Tradução, fui apresentada à obra de Raphael Montes por meio de recomendações de amigos, sendo *Jantar*

Secreto seu primeiro livro que li. Logo me apaixonei pela escrita envolvente e fluida do autor, marcada por suas reviravoltas surpreendentes, o que se tornou uma de suas principais características estilísticas. A narrativa, densa e repleta de suspense, me cativou a ponto de, assim que finalizei essa obra, buscar ler todas as suas subsequentes. Após concluir a leitura de seus livros, minha apreciação por sua escrita se consolidou.

Foi, porém, em uma aula da disciplina "Português para Tradutores"¹, parte do meu curso de graduação, que tive contato com um tipo de literatura que até então não conhecia: textos em que personagens atuam como tradutores ou intérpretes. Esse tema me despertou grande interesse, principalmente por unir duas áreas que sempre me fascinaram: a literatura e a tradução. Durante essas aulas, comecei a refletir sobre como algumas obras podem abordar o ofício da tradução de forma implícita ou explícita. Nesse contexto, lembrei-me do prefácio do livro *O Vilarejo*, de Raphael Montes, no qual o autor se apresenta como tradutor da obra. Esse detalhe me chamou a atenção, pois no referido prefácio se alega que ele teria traduzido manuscritos antigos de uma misteriosa autora europeia, o que logo me fez relacionar o livro ao conceito de pseudotradução.

A partir dessa constatação, vislumbrei a possibilidade de analisar *O Vilarejo* sob a perspectiva da pseudotradução. Esse conceito, explorado em estudos da Tradução, refere-se à prática de apresentar uma obra original como uma tradução fictícia. Ao fazer isso, o autor cria uma camada adicional de ficção que joga com as ideias de autoria, autenticidade e tradução. No caso de *O Vilarejo*, Raphael Montes constrói, no prefácio, uma narrativa em que afirma ter traduzido histórias de uma autora desconhecida, o que lança o leitor em um jogo entre veracidade e ficção logo nas primeiras páginas.

Essa descoberta me ajudou a consolidar o foco da minha pesquisa de monografia, uma vez que eu já tinha o desejo de explorar a obra de Raphael Montes academicamente. A pseudotradução em *O Vilarejo* oferece uma rica oportunidade de análise, pois, além de explorar os elementos ficcionais e literários presentes no texto, possibilita uma reflexão sobre o papel do tradutor na construção da narrativa. A figura do tradutor como mediador entre o texto original e o leitor é central nesse

¹ Disciplina do 4º período do curso de Tradução da UFU, ministrada pela professora Paula Arbex, que posteriormente viria a orientar o presente trabalho.

processo, e Montes explora esse conceito de forma criativa, desafiando as fronteiras entre original e tradução.

Dessa forma, meu objetivo, ao escolher *O Vilarejo* para a pesquisa monográfica, é investigar como Raphael Montes utiliza a pseudotradução como recurso literário, questionando os limites entre autoria e tradução. Além disso, pretendo analisar como esse recurso contribui para a construção da atmosfera sombria e misteriosa da obra, intensificando o envolvimento do leitor com a narrativa e desafiando suas expectativas quanto à autenticidade do texto.

O conteúdo visto na disciplina "Português para Tradutores" foi fundamental nesse processo, pois me deu oportunidade de ver, pela primeira vez, a forma com que tradutores/intérpretes são retratados na ficção, além das ferramentas teóricas necessárias para abordar essa questão de forma crítica. O estudo da pseudotradução abre novas possibilidades para entender as sutilezas da tradução e sua importância na construção de narrativas literárias. *O Vilarejo*, com sua complexa estrutura narrativa e a presença da figura do tradutor, oferece um campo fértil para explorar essas questões, o que torna essa obra ideal para minha pesquisa.

Assim, minha escolha por trabalhar com *O Vilarejo* em minha monografia não é apenas fruto de uma apreciação pessoal pela obra de Raphael Montes, mas também do desejo de explorar de maneira mais aprofundada um tema inovador na área da tradução. Ao investigar a pseudotradução, pretendo contribuir para o campo dos estudos literários e tradutológicos, oferecendo uma análise que ressalte a importância do tradutor não apenas como intermediário linguístico, mas como um agente criativo na construção da ficção.



Raphael Montes

CAPÍTULO 1 – PSEUDOTRADUÇÃO

Pseudotradução, no campo dos estudos da Literatura, refere-se a um texto que é apresentado ao leitor como se fosse uma tradução de uma obra estrangeira, quando na verdade não o é. Ou seja, o autor do texto original cria uma ficção que imita o processo de tradução, geralmente com o intuito de conferir uma sensação de autenticidade, distanciamento cultural ou autoridade ao texto. A pseudotradução pode ser utilizada como estratégia literária para explorar questões de autoria, identidade, ou para enganar o leitor de forma lúdica, subvertendo expectativas sobre o que é uma "tradução" ou uma "obra original":

Pseudotraduções são obras originais que exibem a natureza polifônica e as características linguísticas associadas às traduções, referindo-se a fontes que elas próprias criam ao modelar ou misturar diversos textos reais. A pseudotradução é, assim, uma prática textual voltada para destacar a descendência direta de um texto de uma classe de outros textos pertencentes a uma língua e cultura diferentes, onde não existe um texto-fonte específico (Rambelli in Baker; Saldanha, 2020, p. 441-442, tradução nossa)².

Desse modo, Rambelli (2020) destaca que a pseudotradução não apenas adota características linguísticas e estilísticas típicas de uma tradução, mas também cria fontes fictícias para sustentar sua autenticidade como obra traduzida. Ao simular uma origem estrangeira e estabelecer uma relação com outras culturas e línguas, essas obras reforçam a ilusão de descendência direta de um conjunto textual específico, mesmo sem um texto-fonte real.

Contudo, as pseudotraduções podem adotar métodos opostos para alcançar resultados semelhantes ou até mesmo objetivos contraditórios. Por exemplo, os romances franceses do século XII, como *Cligès* e *Le roman de Perceval de Chrétien de Troyes*, buscavam obter legitimidade através da suposta superioridade cultural de um texto latino fictício. Em contraste, algumas décadas antes, Geoffrey de Monmouth tentou conferir legitimidade à cultura nacional inglesa ao criar uma pseudotradução para o latim de sua *Historia regum Britanniae* (1136), que se dizia

² No original, em inglês: "Pseudotranslations are original works which display the polyphonic nature and linguistic features associated with translations by referring to sources that they themselves create through modelling after or mixing together several actual texts. Pseudotranslation is thus a textual practice aimed at highlighting the direct descendancy of a text from a class of other texts belonging to a different language and culture, where a specific source text does not exist".

ter sido traduzida de *quondam Britannici sermonis librum vetustissimum* (um livro muito antigo na língua britânica).

Além disso, as pseudotraduções podem proporcionar a figuras conhecidas em certos campos, como o político Horace Walpole ou o semiótico Umberto Eco, a oportunidade de experimentar novos gêneros literários. Walpole fez isso ao escrever o romance gótico *The Castle of Otranto* (1764), e Eco ao criar o mistério histórico *O Nome da Rosa* (1980):

Não é de se estranhar, então, que muitas pseudotraduções estejam em posição de oferecer uma visão bastante clara das noções compartilhadas pelos membros de uma comunidade, não apenas quanto ao status dos textos traduzidos, mas também quanto às suas características marcantes. A questão é que somente quando os humanos reconhecem a existência de uma entidade e se tornam cientes de suas características é que podem começar a imitá-la (Toury, 2012, p. 41, tradução nossa)³.

Toury (2012, p. 54) observa que as traduções fictícias são um fenômeno “muito menos marginal do que pensávamos – tanto em termos de número de casos quanto em termos de sua contribuição para os processos históricos”. Embora isso possa ser verdade, a contribuição mais frutífera da literatura sobre pseudotradução para o campo da teoria da tradução tem sido, provavelmente, o desfoque das fronteiras entre originais e traduções, autoria e edição. Johnson, pseudotradutor do suposto poeta japonês Araki Yasusada, observou que “a demanda por autoria definida limita desnecessariamente o espectro de possibilidades disponíveis para a apresentação e apreciação poética” (Johnson, 2010, p. 126, *apud* Toury, 2012). As pseudotraduções oferecem a possibilidade de ampliar esse espectro, enquanto, ao mesmo tempo, questionam pressupostos sobre a escrita original, como faz Leah Goldberg, para quem escrever em hebraico moderno constitui “uma prática translacional” por si só, capaz de fazê-la transitar “não apenas pela linha entre tradução e imitação, mas também pela fronteira entre original e tradução” (Jacobs, 2014, p. 483 *apud* Toury, 2012). Nesse sentido, as pseudotraduções têm o potencial

³ No original, em inglês: “No wonder, then, that many pseudotranslations are in a position to give a fairly good picture of notions shared by the members of a community, not only as to the status of translated texts, but also as to their salient characteristics. ‘The point is that it is only when humans recognize the existence of an entity and become aware of its characteristics that they can begin to imitate it’ (James 1989: 35), and overdoing something in imitation is a clear, if extreme, sign of such recognition”.

de “desestabilizar a base sobre a qual a teoria da tradução é construída” (O’Sullivan, 2011, p. 124 *apud* Toury, 2012).

No século XVIII na França, muitos autores reais se apresentavam de forma anônima, na primeira pessoa, como tradutores fictícios de romances ou narrativas. Assim, o tradutor estava presente como narrador em um nível metalinguístico e se esforçava para fazer afirmações confiáveis e realistas sobre a tradução no paratexto, além de destacar a alteridade do texto seguinte (Kupsch-Losereit, 2014). Entretanto, segundo Kupsch Losereit, todo o paratexto que evoca um texto original imaginário era fictício, em sua maior parte inventado: o(s) autor(es) do texto original (como os persas, em Montesquieu), o alter ego como tradutor, a fonte, o título e o subtítulo do suposto texto original, informações como "traduzido de" ou "traduzido por", o editor, o local de publicação e a dedicatória a uma pessoa imaginária. Paradoxalmente, essas informações falsas, bem como os comentários feitos pelo pseudotradutor em prefácios, introduções, anotações e/ou nos discursos do narrador, reforçavam o Efeito de Realidade (cf. Barthes 1968; 2004). Isso era particularmente evidente quando o pseudotradutor mencionava a situação da tradução ou as circunstâncias aventurosas em que o manuscrito foi encontrado. O efeito de realidade também era intensificado quando se comunicavam os motivos para a tradução (como contribuir para a educação, introduzir culturas estrangeiras ou enriquecer a língua francesa com novos gêneros literários e estilos) ou quando o pseudotradutor abordava o modo narrativo e o "como" da tradução, escondendo-se como tradutor, isto é, alguém que essencialmente fala entre aspas, atrás do autor original criativo, posando como uma figura real. Assim, a autenticidade da narrativa não poderia ser questionada: elas pareciam reais e seguiam evidências claras.

Esses textos, que se apresentam no paratexto e também dentro da ficção como traduções de um texto original imaginado e em língua estrangeira, são chamados de pseudotraduções. No entanto, o texto original só é acessível por meio da imaginação. Essas pseudotraduções levantam várias questões, entre as quais destaco:

- Quais são as condições sociopolíticas e culturais para o desenvolvimento dessas pseudotraduções?
- Existem características narrativas específicas para as pseudotraduções?
- Quais indicadores marcam a língua estrangeira imaginada nas pseudotraduções?

1.1 Pseudotraduções: álibi e ferramenta

Podem-se identificar dois motivos principais para o uso de pseudotraduções: servirem como álibi e como ferramenta para introduzir inovações literárias. Os autores negavam a autoria para evitar a censura. A censura na França do século XVIII, com seus mecanismos de vigilância e controle discursivo, determinava que qualquer livro que contrariasse os valores da coroa francesa ou da Igreja era uma ameaça à ordem social. Ao se disfarçar como tradutor, o autor podia transmitir ideias críticas à sociedade e à religião, ao mesmo tempo em que evitava a responsabilidade por elas. Um exemplo disso é Voltaire, que, em 1748, dedicou *Zadig* à "Sultana Sheraa por Sadi" e publicou *Cândido* como uma tradução do alemão do *Dr. Ralph* em 1759. Outros autores, como Jean-Baptiste Boyer d'Argens, também usaram essa estratégia, fingindo que suas obras eram traduções para escapar da censura.

Além disso, as pseudotraduções tinham razões ideológicas e estéticas, funcionando como instrumentos para exercer influência política e cultural. Ao se apresentar como tradutor de um texto estrangeiro imaginário, o autor podia introduzir novos gêneros, estilos e ideias, rompendo com os padrões literários nacionais estabelecidos, como as regras de verossimilhança e decoro. Assim, pseudotraduções serviam como uma maneira conveniente de introduzir novidades culturais, ampliando os horizontes do sistema literário.

Essas pseudotraduções permitiam que os autores importassem padrões literários de outras tradições e questionassem os valores culturais e políticos dominantes. Além disso, ajudavam a expandir o sistema literário ao introduzir novos temas e personagens que, de outra forma, não seriam aceitos na literatura nacional da época.

Essa prática tem raízes históricas e foi usada por vários autores ao longo do tempo. Um exemplo famoso é o romance *O Manuscrito Encontrado em Saragoça* de Jan Potocki, que circulou por anos como uma tradução de um manuscrito espanhol perdido.

O conceito de pseudotradução foi desenvolvido de forma mais detalhada pelo teórico israelense Gideon Toury, uma figura central nos Estudos da Tradução, já citado anteriormente. Toury explorou esse fenômeno em seu trabalho *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995), onde descreve a pseudotradução como um

tipo de "texto fictício" que é apresentado como tradução, mas que não possui, de fato, um texto-fonte estrangeiro.

Segundo Toury, as pseudotraduções são empregadas por autores por diversas razões, que podem variar desde a criação de um efeito de distanciamento cultural até o questionamento de noções de originalidade e autenticidade. Algumas motivações incluem:

- **Atribuição de autoridade:** Ao apresentar um texto como uma tradução, especialmente de um autor estrangeiro ou de uma cultura distinta, o autor pode conferir ao texto um peso ou credibilidade que ele não teria se fosse apresentado como uma obra original. Essa estratégia é frequentemente usada em contextos onde o estrangeiro ou o exótico é valorizado.
- **Subversão de normas literárias:** Autores podem usar a pseudotradução para desafiar as convenções literárias vigentes de uma cultura. Ao atribuir uma obra a um autor estrangeiro, eles podem introduzir novos estilos, temas ou estruturas que seriam considerados inaceitáveis se tivessem sido apresentados como originais.
- **Exploração do conceito de autoria:** A pseudotradução também pode ser usada para questionar a própria ideia de autoria e originalidade. Ela levanta questões sobre quem realmente "escreveu" o texto, sugerindo que as fronteiras entre o autor original e o tradutor são porosas ou irrelevantes.

Toury também observa que, em alguns casos, a pseudotradução serve para preencher uma lacuna no sistema literário de uma determinada cultura. Por exemplo, quando uma cultura deseja ter acesso a certo tipo de literatura (romances góticos, obras filosóficas etc.) que ainda não foram traduzidas ou criadas localmente, a pseudotradução pode servir como um substituto (Toury, 1995)

1.2 Outros Exemplos de Pseudotraduções:

- *O Castelo de Otranto* (1764) de Horace Walpole: Os leitores ingleses acreditavam que o texto era, na verdade, uma tradução moderna de uma antiga história medieval italiana realizada por William Marshall. Somente na segunda edição, publicada em abril do ano seguinte, Walpole revela ser o verdadeiro autor da obra. Assim, ao criar essa farsa tradutória, Walpole também dá origem ao romance gótico.

- *O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien: Tolkien usou a técnica de criar um mundo fictício com sua própria mitologia e linguagens, o que cria uma sensação de autenticidade e profundidade cultural similar à de um texto "traduzido" de um antigo manuscrito fictício. Essa técnica é uma forma de construção de mundo e imersão.

1.3 Pseudotradução e Estudos da Tradução: contribuições

Toury argumenta que a pseudotradução também permite uma reflexão crítica sobre o estatuto do tradutor e da tradução na cultura literária. Em contextos onde a tradução é vista como inferior ou derivativa em relação à criação original, a pseudotradução subverte essa hierarquia, demonstrando que a "tradução" pode ser tão inventiva e original quanto qualquer obra literária.

Dessa forma, o conceito de pseudotradução desafia as fronteiras tradicionais entre original e tradução, autor e tradutor, e coloca em questão as expectativas do leitor sobre o que constitui um texto "autêntico". Isso faz da pseudotradução um campo frutífero para análises literárias e para os Estudos da Tradução.

Essas ideias são centrais para o entendimento da pseudotradução, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, fornecendo uma rica área de estudo para a exploração de autoria, identidade e recepção cultural (Toury, 1995).

Na sequência deste trabalho, o recurso da pseudotradução será explorado em *O Vilarejo*, de Raphael Montes, obra contextualizada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - O VILAREJO E SEU CONTEXTO



Detalhe da capa de *O Vilarejo*

A coletânea de contos escrita pelo autor brasileiro Raphael Montes e ilustrada por Marcelo Damm, *O Vilarejo*, é amplamente reconhecida por sua originalidade e pela profundidade com que explora temas universais através de uma perspectiva sombria e perturbadora. A obra reúne sete contos, cada um representando um dos sete pecados capitais — luxúria, gula, avareza, preguiça, ira, inveja e soberba —, os quais são personificados por demônios específicos, baseados em tradições demonológicas. As narrativas, ambientadas em um vilarejo remoto e misterioso, funcionam tanto de maneira autônoma quanto interconectada, criando uma experiência de leitura única em que os contos se complementam e, ao mesmo tempo, enriquecem o universo ficcional.

Tal estrutura narrativa, habilmente construída, permite que, à medida que o leitor avança de uma história para outra, detalhes sutis emergem, revelando não apenas segredos dos personagens e seus relacionamentos com os pecados que os consomem, mas também uma compreensão mais profunda da própria atmosfera enigmática e opressiva que permeia o vilarejo. Montes utiliza esses elementos para tecer uma crítica social implícita, enquanto explora as nuances psicológicas da natureza humana. Assim, o livro não apenas oferece histórias de terror psicológico, mas também se coloca como uma reflexão sobre a moralidade e a corrupção inerentes às escolhas individuais.

Logo no prefácio de *O Vilarejo*, Raphael Montes contextualiza a origem inusitada dos manuscritos que, segundo o autor, serviram de base para a obra. Montes relata que, no início de 2014, foi contatado por Maurício Gouveia, proprietário de um sebo no Rio de Janeiro, que havia adquirido uma vasta coleção de livros pertencentes a Elfrida Pimminstoffer, uma senhora falecida aos 102 anos.

Entre os milhares de livros adquiridos, Maurício encontrou três cadernos finos de capa de couro, contendo textos manuscritos em uma língua estrangeira, acompanhados de ilustrações de cenas de horror e violência. Intrigado, o vendedor entrou em contato com a bisneta de Elfrida, Ana, que não demonstrou interesse em reaver os cadernos, chegando a sugerir que fossem destruídos. Sem saber o que fazer com o material, Maurício solicitou a ajuda de Montes, que prontamente aceitou o desafio de analisá-lo.

Ao examinar os cadernos, Montes se deparou com um texto escrito em uma caligrafia hesitante, que aos poucos se tornava mais firme. Embora inicialmente acreditasse que o manuscrito estivesse em russo ou polonês, uma análise mais aprofundada revelou que o idioma utilizado era o cimério, uma língua extinta pertencente ao ramo botno-úgrico. Entre as ilustrações e o texto, Montes notou uma referência a Peter Binsfeld, um demonologista alemão do século XVI, conhecido por sua classificação dos demônios, associando cada um deles a um dos sete pecados capitais.

Diante da dificuldade de decifrar o cimério, Montes entrou em contato com o professor Uzzi-Tuzii, especialista em línguas botno-úgricas, que se mostrou relutante em ajudá-lo e, de maneira evasiva, recomendou que o autor descartasse os manuscritos. Mesmo assim, Montes persistiu em seu objetivo e, com a ajuda de um dicionário cimério-italiano fornecido pelo professor, decidiu traduzir os textos por conta própria.

O processo de tradução foi árduo, devido à complexidade sintática e às irregularidades verbais do cimério. No entanto, após meses de trabalho intensivo, Montes finalizou a tradução, revelando ao leitor brasileiro o conteúdo perturbador dos cadernos. Como tradutor, ele também optou por ordenar os contos da maneira que considerou mais adequada, embora enfatize que eles podem ser lidos em qualquer sequência, já que compartilham personagens e eventos, todos situados em um misterioso vilarejo cuja localização exata permanece desconhecida. A busca por uma conexão histórica ou geográfica com os eventos e personagens retratados foi infrutífera, deixando o vilarejo e os próprios cimérios envoltos em um enigma histórico.

Após o prefácio, Raphael Montes finaliza o texto assinando como "Raphael Montes, o tradutor" (Montes, 2015). Uma escolha que não só enfatiza seu papel dentro da narrativa, mas também reforça a ilusão de que a obra se trata de uma

tradução autêntica de manuscritos antigos. Essa assinatura posiciona o autor como mediador entre o texto original fictício e o leitor, uma técnica que adiciona camadas de ambiguidade e metalinguagem à obra. Ao se autodenominar "o tradutor", Montes intensifica a atmosfera de mistério e cria uma ponte entre o mundo ficcional e o real, ao mesmo tempo em que subverte as expectativas do leitor, introduzindo a ideia de pseudotradução como elemento central na narrativa.

Decidi eu mesmo traduzir os textos. A complexa sintaxe do idioma e sua irregular conjugação verbal dificultaram muito o trabalho. A prosa ciméria é cheia de retraiamentos, subtrações, efeitos, com usos e conotações flutuantes. Após meses de dedicação exclusiva, fiquei extasiado com a maldade, o terror e a frieza estilística da história que agora chega ao leitor brasileiro: a primeira narrativa completa escrita em cimério.

Como tradutor, tomei a liberdade de ordenar as histórias como me pareceu ideal. De todo modo, é bom que se diga que elas podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo da compreensão, pois se relacionam de maneira difusa, mas com personagens e fatos em comum, todos situados no mesmo vilarejo.

Busquei ainda uma possível ascendência de nomes e a localização geográfica precisa dos eventos aqui narrados. Não encontrei nada. O vilarejo, se existiu em algum momento, sumiu do mapa. Os cimérios desapareceram como se a terra os tivesse engolido.

RAPHAEL MONTES, o tradutor



O conto a ser explorado neste trabalho de monografia é o segundo da coletânea, “Leviathan: as irmãs Vália, Velma e Vonda”. O conto narra a vida de três irmãs em um vilarejo em um inverno rigoroso. Vonda e Velma, as gêmeas, estão ansiosas para brincar no descampado após uma refeição, enquanto sua irmã mais velha, Vália, cuida delas, que se preocupa em garantir que as gêmeas estejam quentes e seguras, especialmente após a morte do pai na guerra, um evento que afetou profundamente a família, em especial a mãe delas.

Enquanto Vonda e Velma devoram um pernil assado, Vália prepara-se para receber seu namorado, Krieger, um jovem ferreiro admirado por sua beleza e respeito. Vália é atraída pela aparência de Krieger, mas também se preocupa com sua inteligência e boa índole. O relacionamento dela com ele é um ponto central do conto, assim como a dinâmica entre as irmãs.

As gêmeas, Velma e Vonda, têm personalidades contrastantes: Velma é assertiva e cheia de ideias criativas, enquanto Vonda é mais tímida e insegura, a principal característica que as difere é que Vonda nasceu com uma mancha vermelha no rosto, mas faz de tudo para escondê-la.

As gêmeas frequentemente se reúnem com a amiga Jekaterina para inventar histórias sobre os moradores do vilarejo onde vivem, criando um espaço de imaginação e escapismo em um ambiente dominado pela dor e pela perda.

Enquanto as irmãs brincam, Vonda observa a interação de Vália com Krieger e sente uma admiração estranha por ele. Sua percepção de beleza e simpatia em relação ao rapaz gera sentimentos complexos dentro dela, uma mistura de respeito, ciúme e desejo. A insegurança de Vonda é acentuada por sua mancha vermelha no rosto, que ela tenta esconder, refletindo sua luta interna entre querer ser como suas irmãs e se sentir invisível.

O enredo avança para a criação de uma nova história pelas irmãs, em que Velma sugere escrever sobre Krieger, intensificando a tensão entre as gêmeas. Vonda se sente deslocada enquanto suas irmãs se divertem e criam narrativas, lutando com a ideia de que sempre será a irmã menos interessante. Sua admiração por Krieger cresce e, ao mesmo tempo, a ideia de um triângulo amoroso começa a assombrá-la.

Com o desenrolar da narrativa, Vonda passa a considerar ações drásticas para resolver seu conflito interno. As fantasias se misturam com a realidade, e Vonda se convence de que a solução para seus problemas é um crime. Com um

plano para eliminar a concorrência, a ideia do assassinato de uma de suas irmãs — ou até mesmo de Krieger — passa a ser uma possibilidade que ela considera com crescente seriedade.

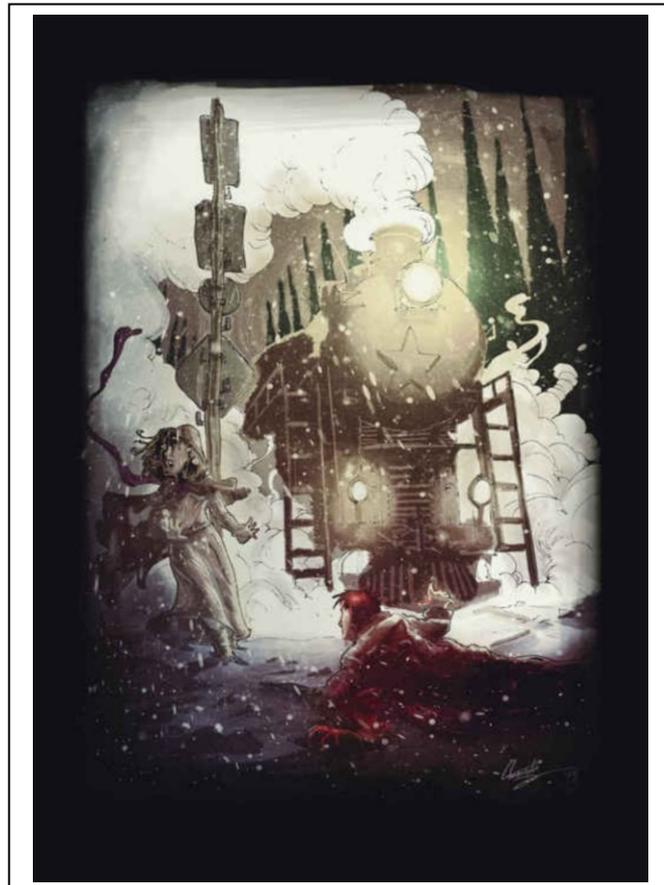
A história atinge um clímax sombrio quando Vonda, tomada por suas emoções, decide agir. Ao perceber que Krieger nunca seria seu, ela se esconde e observa se aproximar da estação de trem. Em um momento de desespero, Vonda ataca Krieger com uma grande pedra, deixando-o desacordado. Em seguida, ela o lança sobre os trilhos do trem, tentando concluir seu crime cruel. Embora Krieger não morra, ele fica gravemente ferido.

Temendo que Krieger a tenha visto, Vonda toma uma decisão ainda mais chocante: em um impulso desesperado, ela assassina sua irmã gêmea, Velma. Vonda acredita que, ao fazer isso, conseguirá fazer todos pensarem que foi Velma quem tentou matar Krieger. Para reforçar seu plano, ela escreve uma carta em nome da irmã, na qual confessa estar apaixonada por Krieger e admite sua tentativa de assassinato. Em seguida, Vonda pega a arma que pertenceu ao falecido pai e dispara contra Velma. Após o crime, ela coloca a arma na mão da irmã, para que tudo pareça um suicídio. Dessa maneira, Vonda acredita que conseguirá escapar da responsabilidade pela tentativa de assassinato. Todos acabam acreditando em sua versão forjada.

O conto termina em uma espiral de tragédia e desespero, com Vonda tentando ocultar seu crime. Isso deixa o leitor refletindo sobre a rivalidade, a busca por amor e a escuridão que pode emergir de sentimentos reprimidos. As personagens são bem desenvolvidas, com suas nuances e conflitos internos refletindo uma realidade mais ampla, onde a busca pela aceitação e o desejo de ser amado podem levar a consequências trágicas. A história é rica em simbolismo e provoca uma reflexão sobre os limites que as pessoas estão dispostas a cruzar em nome do amor e da aceitação.



Ilustrações de *O Vilarejo*



No posfácio, após concluir a tradução dos contos, o tradutor Raphael Montes retorna ao sebo Baratos da Ribeiro para obter o contato de Ana, bisneta de Elfrida Pimminstoffer. Apesar da hesitação de Maurício em fornecer o número, ele acaba cedendo. Em março de 2015, o autor liga para Ana, apresentando-se como escritor e informando sobre a tradução dos textos de sua bisavó. Ana responde de forma impaciente, permitindo que o autor publique o material.

Intrigado, o autor pergunta sobre a vida de Elfrida, e Ana revela que ela passou treze anos hospitalizada, enfrentando intensas dores causadas pelo câncer, que a deixaram em estado de delírio e sofrimento antes de falecer. Embora o autor questione sobre as origens de Elfrida, Ana não tem muitas informações; ela menciona que a bisavó, que morava na Ciméria, mudou de nome ao fugir de uma guerra civil para se estabelecer no Brasil. Elfrida trabalhou como secretária até os sessenta anos, mas sempre sonhou em ser escritora, dedicando suas madrugadas à escrita.

Antes de encerrar a ligação, o autor pede que Ana lhe envie por e-mail uma foto de Elfrida, o que ela faz posteriormente. A foto é reproduzida abaixo.



Elfrida, de *O Vilarejo*

CAPÍTULO 3 – PSEUDOTRADUÇÃO EM O VILAREJO

No prefácio de *O Vilarejo*, há uma peculiaridade interessante relacionada à tradução. Raphael Montes cita o padre Peter Binsfeld, conhecido por sua famosa classificação dos demônios, escrita em 1589. Segundo o trabalho de Binsfeld, cada um dos Sete Reis do Inferno é responsável por incitar um dos pecados capitais nos seres humanos: “Asmodeus (luxúria), Belzebu (gula), Mammon (ganância), Belphegor (preguiça), Satan (ira), Leviathan (inveja) e Lúcifer (soberba).” (Montes, 2015).

Binsfeld originalmente catalogou esses demônios em latim com os seguintes nomes: *Lucifer, Mammon, Almodeus, Sathan, Beelzebub, Leuitahan e Beelphegor* (De confessionibus maleficorum et sagarum, p. 57, 1589). No entanto, Montes optou por utilizar a forma em inglês dos nomes, como Asmodeus e Belphegor, apesar de haver versões tradicionalmente traduzidas para o português, como Belzebú, Mamon, Azazel ou Satanás, Leviaã e Belfegor.

Também no prefácio, percebe-se o principal foco deste estudo: Raphael Montes apresenta a misteriosa origem dos textos e assina como "Raphael Montes, o tradutor" (Montes, 2015). Ao fazer isso, ele introduz o conceito de pseudotradução na obra, inserindo-se como uma espécie de personagem dentro da narrativa. Esse gesto não apenas levanta questionamentos sobre a autenticidade dos textos, mas também posiciona o autor como intermediário entre o leitor e uma suposta tradução dos contos que constituem a obra, o que reforça a complexidade ficcional da obra.

Após uma troca de mensagens entre a autora desta pesquisa e Raphael Montes, autor da obra em análise, realizada por meio da rede social Instagram, o escritor revelou que se inspirou no livro *Se um Viajante numa Noite de Inverno*, do escritor italiano Italo Calvino, para utilizar o conceito de pseudotradução em sua obra. A obra de Calvino também se caracteriza por uma narrativa excêntrica, na qual o Leitor, com "L" maiúsculo e sem nome próprio, é promovido a protagonista. A esse personagem se junta Ludmilla, a Leitora, ambos desempenhando papéis centrais na complexa estrutura metalinguística da narrativa.

Além de adotar a ideia de uma narrativa não convencional inspirada em Italo Calvino, Raphael Montes também incorpora dois elementos da obra *Se um Viajante numa Noite de Inverno*: o idioma "cimério" e o personagem Professor Uzzi-Tuzzi:

Em meio a dicionários, atlas históricos e sites variados, percebi que não se tratava de russo, tampouco polonês ou ucraniano. Os cadernos haviam sido escritos em cimério, uma língua morta pertencente ao ramo botno-úgrico. Encontrei um único estudioso de cimério no mundo: o professor Uzzi-Tuzii, chefe do departamento de línguas botno-úgricas da Università Degli Studi di Udine, na Itália (Montes, 2015, p. 13).

O cimério, uma língua que realmente existiu, era falada pelos cimérios, povo da região do Cáucaso na Antiguidade, mas não deixou registros escritos, sendo uma língua exclusivamente oral. Em *Se um Viajante numa Noite de Inverno*, o cimério é apresentado como uma língua antiga e enigmática, cuja tentativa de tradução se torna um desafio tanto para os personagens quanto para o leitor. Esse idioma serve como um elo entre as várias narrativas interligadas do romance, unindo histórias aparentemente desconexas. A dificuldade de interpretar o cimério reflete a complexidade da própria leitura, promovendo uma jornada de descoberta e interpretação e fazendo uso extensivo da metalinguagem.

O personagem Uzzi-Tuzzi também desempenha um papel fundamental em *Se um Viajante numa Noite de Inverno*. Retratado como um erudito e tradutor, ele guarda uma vasta biblioteca de textos raros e antigos. Mais do que um simples personagem, Uzzi-Tuzzi atua como um guia para o Leitor, ajudando-o a decifrar os mistérios da narrativa. Com seu conhecimento de línguas e literaturas antigas, ele simboliza a preservação e o entendimento do saber ao longo do tempo. Sua figura, envolta em mistério, serve como uma reflexão sobre o ato de ler e o processo de construção de significado em uma obra literária, funcionando como um espelho para o próprio leitor.

A relação entre o personagem Uzzi-Tuzzi nas obras de Italo Calvino e de Raphael Montes é um ponto interessante de análise. Em *Se um Viajante numa Noite de Inverno*, Uzzi-Tuzzi representa o conhecimento acumulado e atua como um guia essencial na compreensão das narrativas complexas. Já em *O Vilarejo*, de Montes, o Professor Uzzi-Tuzzi é descrito como o único estudioso restante da língua ciméria, chefe do departamento de línguas botno-úgricas na *Università degli Studi di Udine*, Itália. Esse personagem, após marcar uma reunião com Raphael Montes, que na obra se insere como o "tradutor", se recusa a ajudá-lo na tradução dos contos devido ao conteúdo de horror explícito dos textos, mas contribui fornecendo um dicionário cimério-italiano.

Dessa forma, Montes utiliza o nome Uzzi-Tuzzi como uma referência intertextual, que ressoa com o personagem de Calvino, mas também cria uma atmosfera de mistério na sua própria narrativa. Embora desempenhem papéis diferentes, ambos os Uzzi-Tuzzi remetem à figura do erudito que guarda segredos do saber, simbolizando a relação entre conhecimento e interpretação em contextos narrativos densos e metaficcionalis.

No segundo capítulo, "Leviathan: as irmãs Vália, Velma e Vonda", somos apresentados à possível autora dos contos, Vonda, irmã gêmea de Velma. Enquanto Velma demonstra ser mais assertiva, Vonda é retratada como tímida, aceitando passivamente as decisões da irmã e exibindo uma profunda insegurança em relação a si mesma, a ponto de falar apenas em sussurros tímidos. Embora ambas compartilhem características físicas — inclusive caligrafia idêntica, como menciona Montes (2015) —, elas também revelam profundas diferenças. Vonda, por exemplo, possui uma mancha vermelha no rosto, que faz de tudo para esconder, o que reforça a sua natureza retraída.

No conto, é evidente que ambas as irmãs têm um interesse comum pela escrita e pela criação de histórias fantásticas, muitas vezes envolvendo os moradores do vilarejo em que vivem. No entanto, Vonda revela sua verdadeira natureza ao cometer um ato violento: após deixar Krieger, o namorado de sua irmã mais velha, em estado grave ao tentar assassiná-lo, ela também mata sua irmã gêmea, Velma. Em seguida, Vonda escreve uma carta suicida, fingindo que Velma havia tentado matar Krieger e, ao perceber que ele sobrevivera, resolveu tirar a própria vida.

Esse ato demonstra o profundo desvio de valores de Vonda, evidenciando sua frieza e falta de empatia, mesmo em relação a membros da própria família. A manipulação das circunstâncias, com o uso da carta para encobrir seus crimes, revela não apenas sua capacidade de mentir e manipular, mas também sua indiferença emocional, tornando-a uma figura complexa e perturbadora dentro da narrativa de *O Vilarejo*.

No posfácio, surge uma quase certeza de que Vonda é a verdadeira autora dos textos. O suposto tradutor, Raphael Montes, relata seu contato com Ana, bisneta da autora dos contos. Durante a conversa, ele se apresenta como o tradutor que reuniu e traduziu os textos de sua bisavó. Ana, impaciente e aparentemente desinteressada, compartilha brevemente os últimos anos de vida de sua bisavó, que

sofreu muito antes de falecer, passando longos períodos hospitalizada e em dor. Raphael busca mais informações sobre a origem de Elfrida, a misteriosa bisavó, mas Ana pouco sabe sobre o passado da família.

Conforme já relatado, Ana conta que a bisavó morava na região da Ciméria, no Leste Europeu, e que, fugindo de uma guerra civil, decidiu vir para o Brasil, onde adotou o nome Elfrida e construiu sua família. Trabalhou muitos anos como secretária, mas ambicionava ser escritora. Raphael, então, solicita que Ana lhe envie uma foto recente ou antiga de Elfrida, pedido que foi atendido.

A fotografia recebida mostra uma senhora idosa com traços escandinavos e uma grande mancha vermelha no rosto. Este detalhe reforça a teoria de que Vonda, com sua mancha característica e seu talento para a escrita, é a verdadeira autora dos textos em cimério. Além disso, sua crueldade, já evidenciada pelos atos cometidos contra sua irmã gêmea e seu cunhado, torna ainda mais plausível a hipótese de que Vonda, sob o pseudônimo de Elfrida, tenha sido a criadora dos contos sombrios que compõem *O Vilarejo*.

CONCLUSÃO

A análise de *O Vilarejo*, de Raphael Montes, sob a ótica da pseudotradução, revela uma obra que desafia as fronteiras entre autoria, tradução e ficção. Montes constrói uma narrativa complexa e intrigante ao se posicionar como "tradutor" de textos supostamente escritos por uma autora estrangeira, Vonda ou Elfrida, inserindo-se de maneira metalinguística na obra e aumentando o mistério que permeia seus contos. Essa técnica literária de pseudotradução, inspirada em autores como Italo Calvino, permite que o autor jogue com a expectativa do leitor, questionando a autenticidade e as camadas narrativas presentes na obra.

Através da pseudotradução, Montes não só explora a ambiguidade entre o real e o fictício, mas também utiliza elementos intertextuais e referenciais, como o uso do idioma cimério e o personagem Uzzi-Tuzzi, que remetem diretamente à obra de Calvino. Esses elementos contribuem para a construção de uma atmosfera enigmática e sombria que caracteriza *O Vilarejo*, levando o leitor a uma jornada de interpretação e desconfiança.

Ao longo da análise dos contos, em especial do capítulo "Leviathan", é evidente a presença de Vonda como uma figura central, cujas ações violentas e caráter distorcido contribuem para o entendimento de sua possível autoria dos contos. A presença de uma mancha vermelha em seu rosto, um detalhe que reaparece na figura de Elfrida, reforça ainda mais a teoria de que Vonda é, de fato, a verdadeira autora dos textos traduzidos.

Dessa forma, a utilização da pseudotradução em *O Vilarejo* não é meramente um artifício literário, mas uma ferramenta intrincada que Raphael Montes emprega para subverter expectativas, questionar as noções de autoria e tradução, e enriquecer a experiência do leitor com camadas de significado e mistério. Ao explorar os limites entre original e tradução, esta obra de Montes não apenas se constitui como um interessante objeto para os estudos literários, mas também lança luz sobre o papel do tradutor como agente criativo na construção de narrativas, oferecendo novas perspectivas sobre a prática tradutória e a produção textual.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CNN BRASIL. Bienal do Livro de SP: confirma as obras mais vendidas no evento. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/bienal-do-livro-de-sp-confirma-as-obras-mais-vendidas-no-evento/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

COMPANHIA DAS LETRAS. Raphael Montes. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03686/raphael-montes>. Acesso em: 4 nov. 2024.

JAKOBSEN, Arnt Lykke. Research methods in translation — Translog. In: SULLIVAN, Kirk P. H.; LINDGREN, Eva (eds.). *Computer Keystroke Logging and Writing*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 95-105. https://doi.org/10.1163/9780080460932_007

KAINDL, K., & SPITZL, K. (Eds.). *Transfiction: Research into the realities of translation fiction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. <https://doi.org/10.1075/btl.110>

LEFEVERE, André. Pseudotranslations. In: CLASSE, Olive (ed.). *Encyclopedia of Literary Translation into English*, v. 2. London/Chicago: Fitzroy Dearborn, 2000. p. 1122-1123.

MONTES, Raphael. Disponível em: <https://www.rafaelmontes.com.br>. Acesso em: 4 nov. 2024.

MONTES, Raphael. *O Vilarejo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2015.

O GLOBO. Raphael Montes mergulha no terror em *O Vilarejo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/raphael-montes-mergulha-no-terror-em-vilarejo-17618648>. Acesso em: 4 nov. 2024.

RAMBELLI, Paolo. Pseudotranslation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 3rd ed. New York: Routledge, 2020. p. 441-442. <https://doi.org/10.4324/9781315678627-94>

TOURY, Gideon. Enhancing Cultural Changes by Means of Fictitious Translations. In: HUNG, Eva (ed.). *Translation and Cultural Change: Studies in History, Norms and Image-Projection*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 3-17. <https://doi.org/10.1075/btl.61.04tou>

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and Beyond*. 2. ed. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2012. <https://doi.org/10.1075/btl.100>

WIKIPEDIA. Peter Binsfeld. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Binsfeld. Acesso em: 4 nov. 2024.